

## **As Missões Folclóricas de Mário de Andrade Panorama do Pioneirismo Multimídia em 1938<sup>1</sup>**

Roselita Lopes de Almeida FREITAS<sup>2</sup>

ESPM, São Paulo, SP

### **Resumo**

A Missão de Pesquisas Folclóricas foi um projeto do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, Brasil - que surgiu no ano de 1928, idealizado por Mário de Andrade em conjunto com Dina Lévi-Strauss e Oneyda Alvarenga. No governo Getúlio Vargas, período do Estado Novo (1937-45), os cultos afro-brasileiros no Nordeste, sofreram discriminação legal e perseguição policial. No ano de 1937, em Recife - Pernambuco, a Secretaria de Segurança Pública, decretou a proibição do funcionamento dos terreiros. Segundo informações dos jornais da época, os locais dos cultos religiosos africanos, eram considerados centros de feitiçaria e estavam proibidos de funcionar. Temendo o esmagamento da cultura popular, Mário de Andrade decidiu então formar um grupo de pesquisa, para viajar pelo Brasil a procura de registros das manifestações folclóricas brasileiras.

**Palavras-chave:** documentário; literatura; cultura; intertextualidade; multimídia

### **Introdução**

"*Me vejo convertido a erudito respeitável e, o que é pior, respeitado. Isso me queima de vergonha*", escreveu em 1942 ao jornalista e crítico Moacir Werneck de Castro. Esta fala poderia estar na boca de muita gente, mas não tendo como primeira pessoa o poeta Mário de Andrade.

Entusiasta e praticamente anjo guardião da cultura brasileira de sua época, Mário atravessou o Brasil numa época em que a dificuldade de locomoção de um estado para outro era uma aventura. Com este espírito, surgiu a pesquisa das missões.

Este foi um projeto do Departamento de Cultura, que surgiu no ano de 1938 e ocorreu entre fevereiro e julho do mesmo ano, idealizado por Mário de Andrade em conjunto com Dina Lévi-Strauss e Oneyda Alvarenga.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Imagem e Som, pós doutoranda em Tecnologias da Inteligência e do Design Digital pela PUC / COGEAE, SP. Docente titular na ESPM – SP e Faculdade Cásper Líbero – SP.

A instabilidade do governo de Getúlio Vargas, criado pelo regime político que era Estado Novo, foi marcado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo, e pelo autoritarismo. O processo de urbanização no Brasil foi avançando, e as novas tecnologias revolucionavam a comunicação, principalmente para o canal mais usado da época, o rádio.

No governo Getúlio Vargas, período do Estado Novo (1937-45) os cultos afro-brasileiros no Nordeste, sofreram discriminação legal e perseguição policial, sob o julgamento de “baixo espiritismo”. No ano de 1937, em Recife, Pernambuco - a Secretaria de Segurança Pública, logo após se passarem três anos da realização do primeiro Congresso Afro-Brasileiro, decretou através de uma circular, a proibição do funcionamento dos terreiros<sup>3</sup>.

Segundo informações dos jornais da época, os locais dos cultos religiosos africanos, eram considerados centros de feitiçaria, e estavam proibidos de funcionar segundo quatro contravenções aplicadas ao caso:

1. Explorar a boa-fé popular;
2. Profanar símbolos, santos e imagens católicas;
3. Colaborar para esconder líderes e/ou divulgar ideias comunistas
4. Praticar o charlatanismo, fazendo a utilização indevida da atividade médica.

Mário de Andrade, diante deste fato, ficou temeroso pelo desaparecimento de todas as manifestações populares. O Brasil estava entrando em uma fase de gravação eletromagnética de discos e o poeta e estudioso ficou muito entusiasmado com as novas tecnologias, e mesmo ainda não tendo uma "vitrola"<sup>4</sup> para realizar o seu trabalho, foi ficando com os ouvidos e olhares atentos, preparando-se para uma viagem de pesquisa, que aconteceria entre o final daquele ano e o início do ano seguinte.

Mário também ficou bastante entusiasmado com a “Discoteca do Estado” criada com a iniciativa do Conselho de Ministros da Itália, que também percebeu a necessidade de ter um registro das músicas cantadas em diversas regiões de seu país - canções que as pessoas estavam esquecendo, ou estavam substituídas por outras.

---

<sup>3</sup> O terreiro de Umbanda é um templo religioso de cultura afro descendente. No Brasil, as mais populares são a Umbanda e o Candomblé.

<sup>4</sup> Era uma evolução do gramophone e um dos primeiros modelos de toca discos (de vinil).

Com sua dedicação, o pesquisador consegue um exemplar de um material de Roquete Pinto, que em 1917, gravou discos com cantos indígenas de Rondônia. Foi então, que despertou um total interesse pela preservação da memória musical no Brasil, relatando:

“Nossa música popular é um tesouro prodigioso, condenado à morte. A fonografia se impõe como remédio de salvação. A regisração manuscrita é insuficiente porque dada a rapidez do canto é muito difícil escrevê-lo e as palavras que o acompanham. Tanto mais que a dicção e a entoação dos cantadores é extremamente difícil de ser verificada imediatamente com nitidez. Usam uma nasalação e um portamento constante tão sutil, ao mesmo tempo que o rubato rítmico de imprevistos tão surpreendentes e livres que o músico fica quase na impossibilidade de traduzir imediatamente na escrita o que está escutando. Por tudo isso o fonógrafo se impõe. Não é possível num país como o nosso a gente esperar qualquer providência governamental nesse sentido. Cabe mais isso (como quase tudo) à iniciativa do povo. São as nossas sociedades que podem fazer alguma coisa para salvar esse tesouro que é de grande beleza e valor étnico inestimável. Parece-nos que sobretudo a sociedade dos Bandeirantes, fundada no Rio, podia fazer o trabalho que se impõe como imediato. Deixamos o apelo aqui.”(PEREIRA, 2011, p. 35)

O interesse pela preservação da cultura brasileira das Missões, coincidiu com uma época em que no cinema brasileiro em contrapartida, iniciou-se o surgimento de produtoras de cunho comercial, que conseguiram se estabelecer e ganhar um público relativamente fiel com o novo gênero cinematográfico nacionalista, com atores vindo do teatro e do rádio e uma busca de linguagem brasileira. A “Cinédia” de Adhemar Gonzaga, em 1930, foi a primeira a contratar diretores e a utilizar nomes de artistas do rádio e do teatro para seus elencos. É neste momento, surge uma das primeiras estrelas nacionais, que posteriormente fez carreira internacional – Carmem Miranda. Nomes como o de Humberto Mauro figuram entre os diretores que se destacaram nesta época, sendo um dos mais significativos ciclos regionais do cinema brasileiro iniciado em 1926 com "Na Primavera da Vida". De 1936 a 1964 realizou mais de 300 documentários de curta-metragem sobre temas tão variados como astronomia, agricultura e música. Vale também lembrar a série de filmes chamada "Brasilianas" - uma série de curta metragens com temática rural.

## **Conhecendo um pouco sobre Mário de Andrade**

No dia 09 de Outubro de 1893, nascia em São Paulo, precisamente, no número 320 da Rua Aurora, um poeta, romancista, músico, historiador, professor, crítico de arte, fotógrafo, homem público e pioneiro no campo da etnomusicologia. Sua influência transcedeu fronteiras, exercendo uma enorme influência na literatura moderna brasileira, como ensaísta e estudioso. Mário pensava o Brasil como nação.

Durante quase toda sua vida, morou em São Paulo, onde seus pais Carlos Augusto de Andrade (autor de pequenas peças de teatro e guarda-livros) e Maria Luísa de Almeida Leite Moraes de Andrade, também haviam morado. Foi matriculado durante sua infância no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo em 1911, e considerado pianista prodígio, recebeu educação formal apenas em música, mas foi autodidata em história, arte, e especialmente poesia. Apaixonado pela música, respirava e vivia por ela. Todo o seu trabalho foi pautado, em grande parte, pela estrutura rítmica de seus poemas e escritos. Dominava a língua francesa, tendo lido Rimbaud e os principais poetas simbolistas franceses durante a infância.

O primeiro poema – “Fiori de lá-pa”, foi escrito quando ainda era menino, em 1904, cantado com palavras inventadas. Foi a partir daí, que percebeu o seu dom para escrever. Em depoimento a SENNA (1996, p.86), descreve sobre como havia começado a escrever:

O estalo veio num desastre da Central durante um piquenique de subúrbio. Me deu de repente vontade de fazer um poema herói-cômico sobre o sucedido, e fiz. Gostei, gostaram. Então continuei. Mas isso foi o estalo apenas. Apenas já fizera algumas estrofes soltas, assim de dois em três anos; e aos dez, mais ou menos, uma poesia cantada, de espírito digamos super realista, que muito desgostou minha mãe. — “Que bobagem é essa, meu filho?”— ela vinha. Mas eu não conseguia me conter. Cantava muito aquilo. Até hoje sei essa poesia de cor, e a música também. Mas na verdade ninguém se faz escritor. Tenho a certeza de que fui escritor desde que concebido. Ou antes... Meu avô materno foi escritor de ficção. Meu pai também. Tenho uma desconfiança vaga de que refinei a raça. (SENN, 1996, p.86)

Em 1913, morre seu irmão Renato, aos 14 anos, devido complicações decorrentes de um golpe levadas por uma cabeçada recebida enquanto jogava futebol, o que provocou um profundo choque, assim, muito abalado, trabalhando em excesso, teve uma profunda crise emocional. Toma a decisão de abandonar o Conservatório onde lecionava História da Arte e Piano, e se retira com a família para passar um tempo em Araraquara, na fazenda de Pio

Lourenço Correa. Ao retornar, desiste da carreira de concertista devido ao fato de ter adquirido um tremor nas mãos e decide dedicar-se então a carreira de professor de música. No ano seguinte escreve os primeiros contos e poemas.

Em 1915, formou-se no curso de canto no Conservatório e embora formado, não quer mais se apresentar, começa então a estudar canto e teoria musical com a intenção de se tornar um professor de música, paralelamente desperta seu interesse pela literatura. No ano de 1916, conclui como voluntário, o serviço Militar.

Morre seu pai em 1917, e neste mesmo ano, Mário de Andrade recebe o diploma de formação em piano no Conservatório; publica então seu primeiro livro: “Há uma Gota de Sangue em Cada Poema”, com o pseudônimo de Mário Sobral. Esta obra contém indícios do crescente senso de percepção do autor em relação a uma identidade particularmente brasileira, mas assim como a maior parte da poesia brasileira produzida na época, o faz num contexto fortemente ligado à literatura europeia — especialmente francesa. Na mesma época, conhece o escritor, Oswald de Andrade, que entrega seus artigos para o “Jornal do Comércio”, e através da exposição de Anita Malfatti, começa a sentir interesse pelo modernismo.

Inicia os estudos de alemão com Else **Schöler** –Eggebert que o coloca em contato com o expressionismo e música de Wagner.

É nomeado professor no Conservatório, e escreve contos e poemas. Torna-se colaborador esporádico em jornais e revistas como crítico de arte e cronista tendo como exemplo “A Gazeta” e “O Echo” - ambas de São Paulo. Escreve a primeira crítica musical na imprensa. Viaja para Minas Gerais, em 1919, escreve o conto “O queijo”, continuando a colaborar com jornais e revistas.

Trabalha no jornal, “Papel e Tinta”, fundado por Oswald de Andrade (SP), na “Revista do Brasil” (RJ) - até 1926, e na “Ilustração Brasileira”, a primeira revista brasileira ilustrada (RJ).

Nessa época, começa a se interessar e recolher documentos musicais populares, como as paródias<sup>5</sup>, parlendas<sup>6</sup> e pregões<sup>7</sup>.

Em 1921, leciona história da arte no Conservatório, e pertence à Sociedade de Cultura Artística. Muda-se para a casa situada na Rua Lopes Chaves no bairro Barra Funda

---

<sup>5</sup>Criações que imitam outras obras, com objetivo cômico.

<sup>6</sup>Versos com rimas que divertem.

<sup>7</sup>Anúncios que servem para vender mercadorias pelos ambulantes.

em São Paulo, juntamente com sua mãe, e sua tia madrinha Ana Francisca de Almeida Leite Moraes, que devido a destreza no tricô foi citada em sua obra *Macunaíma*.

Participa de um banquete do Trianon para o lançamento do Modernismo onde é apresentado ao público pelo escritor, Oswald de Andrade, através do artigo "Meu Poeta Futurista" (publicado no Jornal do Comércio São Paulo) e escreve para o jornal "Mestres do Passado" onde crítica os parnasianos<sup>8</sup>.

Mário de Andrade ao mesmo tempo em que realizava seu trabalho como pesquisador do folclore brasileiro fez amizade com um grupo de jovens artistas e escritores de São Paulo que assim como ele estavam interessados no modernismo europeu. Apesar de ter sido uma pessoa de inteligência invejável, teve inúmeras ocupações, mas sempre tinha tempo para ajudar os escritores que ainda não eram conhecidos. Surge neste período o seu primeiro contato com a modernidade na Exposição de Anita Malfatti, a sua primeira viagem para Minas Gerais, onde inicia um contato com o barroco mineiro, faz uma visita para Alphonsus de Guimarães.

Em 1922, participa da Semana de Arte Moderna de São Paulo, fato esse que discorreremos mais profundamente a seguir. Estuda alemão e se enamora por Kaethe Meichen-Bosen, em 1923. Faz parte da revista "Ariel", em São Paulo. Escreve a poética modernista, "A escrava que não é Isaura", e continua a colaborar na "Revista do Brasil" (RJ).

Em 1924, realiza a histórica "Viagem da Descoberta da Cultura Popular do Brasil". Passa a Semana Santa em Minas Gerais, acompanhado do poeta Blaise Cendrars, junto com os amigos Oswald de Andrade, a pintora Tarsila do Amaral e de Dona Olivia Guedes Penteadó. Segundo MAIA,

Detendo-se em povoações e cidades históricas mineiras, para os modernistas tudo parecia novo e, ao mesmo tempo, muito antigo. A atitude paradoxal tem uma lógica. O distanciamento que a maior parte de nossos escritores manteve com a realidade brasileira fazia com que a paisagem da Minas barroca surgisse aos olhos dos modernistas como qualquer coisa de novo e original, dentro, portanto, do quadro de autenticidade cultural que eles procuravam. A reflexão dos modernistas, vinda desse contato que se pretendeu direto com uma parcela do povo brasileiro, pôde focalizar os processos de criação popular percebendo-os mais livres e mais condizentes com nossas condições e, em alguns pontos, até mesmo apresentando coincidência com propostas de determinadas vanguardas europeias. A "Viagem da Descoberta do Brasil" provoca um amadurecimento no projeto

---

<sup>8</sup>Movimento literário que nasceu em Paris - França, e trouxe para a poesia o espírito positivista e científico da época, do século XIX (dezenove) em contraponto ao romantismo.

nacionalista dos modernistas, fazendo com que a ênfase, que de início recaía com mais força sobre o estético, possa ir, progressivamente, abrangendo e sulcando o projeto ideológico. (MAIA, 2008, p. 159)

Mário passa a se dedicar a pesquisa linguística de um falar “brasileiro”, que rompesse os limites regionais. Nessa época, sente-se apaixonado platonicamente, por Carolina da Silva Telles<sup>9</sup>, inspiradora dos poemas, “Tempo da Maria e da figura da Uiara”, presente em “Macunaíma”. Colabora em 1925, na Revista “Nova” de Belo Horizonte, pública “A Escrava que não é Isaura”.

Por volta da mesma época, realiza leitura de Von Roraima zun Orinoco de Theodor Konch-Grünberg<sup>10</sup>, onde Mário encontra o lendário Makunaíma - uma entidade mítica do alto Peru; neste mesmo livro esboça traços da rapsódia. Durante férias na Chácara da Sapucaia, em Araraquara, conhecida como a “Chácara do Tio Pedro” no interior de São Paulo, escreve a primeira versão de “Macunaíma”, que ao todo foram 17 capítulos mais um epílogo, além do prefácio inédito. Pública “Losango Cáqui”.

Em 1927, faz novas redações de “Macunaíma”. Começa a trocar cartas para falar desta mesma obra com Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, e aproveitam o momento para discutirem sobre o livro “Experiências com a fotografia”. Mário de Andrade, começa a fotografar, demonstrando um estudo minucioso das técnicas e as intenções artística. Nesta fase embrionária de Macunaíma, colabora no “Diário Nacional de São Paulo”, como crítico de arte e cronista (até 1932, quando o jornal é fechado). Faz sua estreia como romancista, publicando “Amar, verbo intransitivo”, que abala a burguesia paulistana com a história de Carlos, um adolescente de família tradicional iniciado nos prazeres do sexo pela sua Fraülein, contratada por seu pai exatamente para essa tarefa.

O contato direto de Mário de Andrade, com a cultura popular regional, resultou também na obra “Clã do Jabuti”, com uma poética elaborada a partir das formas musicais do povo, toada, moda de viola, e romance.

Realiza sua primeira “Viagem Etnográfica” em companhia de Tarsila do Amaral e de dona Olívia Guedes Penteadó percorrendo todo o Brasil, indo do Amazonas ao Peru, viagem essa que resulta em um diário, “O Turista Aprendiz”.

---

<sup>9</sup>Carolina Penteadó da Silva Telles era filha de Olívia Guedes Penteadó. Durante dez anos, de 1924 a 1934, Mário frequentou os saraus no casarão de Olívia e via Carolina quase semanalmente, casada com Gofredo Teixeira da Silva Telles – vereador e posteriormente prefeito da cidade de São Paulo, em 1932.

<sup>10</sup>Theodor Koch-Grünberg (9 de abril 1872, Oberhessen, Alemanha – 8 de outubro 1924, Boa Vista, Brasil) foi um etnologista e explorador alemão que contribuiu relevantemente ao estudo dos povos indígenas da América do Sul, em particular dos Pemón da Venezuela e dos povos indígenas brasileiros da região Amazônica, estudando a mitologia, as lendas, a etnologia, a antropologia e história dos mesmos.

Em 1928, publica “Ensaio sobre a Música Brasileira” e finaliza o livro “Macunaíma - o Herói sem nenhum caráter”. Escrevendo sob um fundo romanesco e satírico, onde se mesclavam numa narrativa exemplar a epopeia e o lirismo, a mitologia e o folclore a história e o linguajar popular. O "herói sem nenhum caráter" - personagem-título, se tornou uma síntese das virtudes e defeitos do brasileiro comum. Nessa obra, Mário de Andrade inova a estética literária - com audácia e rebela-se contra a mesmice das normas vigentes, repercutindo em todo o país por sua abordagem inédita.

Escreve em 1929, uma coluna de crônicas - "Táxi", no “Diário Nacional”. Realiza a sua segunda “Viagem etnográfica” segue para Nordeste do Brasil, resgatando documentos, música popular e danças dramáticas. Neste mesmo ano, rompe sua amizade com Oswald de Andrade. A amizade entre os dois iniciou-se por volta de 1917, quando ambos defendem a artista contra os ataques da imprensa conservadora. Os dois escritores não perdiam nenhuma oportunidade para proclamar seu apoio às mudanças nas artes brasileiras.

Em 1930, participou apoiando a Revolução de 30. Defendeu o Nacionalismo Musical e publica “Modinhas Imperiais”, “Crítica e antologia”, e “Remate de Males”.

Em 1933, completa 40 anos, e faz crítica ao Diário de São Paulo até o ano de 1935. Em 1934, cria e dirige a Coleção Cultural Musical (Edições Cultura Brasileira - São Paulo). Colabora em “Festa” – uma revista que trouxe alternativas na busca do entendimento da modernidade e nacionalidade dos modernistas de São Paulo para a década de 1920 (Rio de Janeiro); publica também em “Boletim de Ariel”, que foi a revista literária mais importante da época e um mensário crítico-bibliográfico de arte, ciências e letras. Ainda nesse ano, publica “Contos de Belazarte”, onde o autor faz uma análise social e psicológica das relações familiares.

Nomeado em 1935, como chefe da Divisão de Expansão Cultural e Diretor do Departamento de Cultura. Publica “O Aleijadinho” e “Álvares de Azevedo”.

Em 1936, deixa de dar aulas no Conservatório, e é nomeado Chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura, e no ano seguinte, em 1937 apresenta-se contra o Estado Novo.

Em 1938 inicia sua viagem do projeto das "Missões" e, no mesmo ano, após desentendimentos com governantes, transfere-se para o Rio de Janeiro, demitindo-se do Departamento de Cultura de São Paulo.



No Rio de Janeiro é nomeado professor-catedrático de Filosofia e História da Arte na Universidade do Distrito Federal<sup>11</sup> e colabora no Diário de Notícias no Rio de Janeiro. Publica “Namoros com a Medicina” e estudos de folclore.

Em 1939, cria a Sociedade de Etnologia e Folclore de São Paulo, sendo o primeiro presidente. Organiza o 1º Congresso da Língua Nacional Cantada. Projeta a criação do SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo nomeado encarregado do Setor de São Paulo e Mato Grosso.

No mesmo ano, escreve poemas de “A Costela do Grão Cão” e publica “Samba Rural Paulista”. É crítico do Diário de Notícias até 1944, e colabora na “Revista Acadêmica” (RJ) e em “O Estado de São Paulo” publica “A Expressão Musical nos Estados Unidos”.

Em 1941, Mário de Andrade, volta a morar em São Paulo, à Rua Lopes Chaves 546 e passa a ser comissionado pelo SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Colabora em “Clima” - uma revista formada por um grupo de estudantes herdados do modernismo, onde Mário de Andrade foi o fiador intelectual, escrevendo sobre a inteligência brasileira. A revista foi o veículo que retratou a renovação das críticas no Brasil, com uma proposta inovadora de discussão e a participação dos rumos da cultura nacional.

Em 1942, torna-se sócio-fundador da Sociedade dos Escritores Brasileiros. Colabora no “Diário de S. Paulo” e na “Folha de São Paulo”, e publica “Pequena História da Música”. Em 1943, lança “Aspectos da Literatura Brasileira”, “O Baile das Quatro Artes”, “Os Filhos de Candinha” - crítica e crônicas. No ano seguinte, em 1944, escreve a poesia, “Lira Paulistana”.

Suas obras foram classificadas em dezenove volumes, entre poesias, romances, contos, crônicas e ensaios.

Faleceu no dia 25 de fevereiro de 1945, em sua casa - São Paulo, vítima de um infarte do miocárdio, e foi enterrado no Cemitério da Consolação - São Paulo. Ano da Publicação de “Lira Paulistana” e “Poesias completas”.

Devido as suas divergências com o regime político da época, não houve qualquer reação oficial significativa antes de sua morte, somente dez anos mais tarde, quando já havia falecido o ditador Getúlio Vargas, foi quando se deu o iniciou a consagração de

---

<sup>11</sup> Nesta época e até 1960, a capital do Brasil ainda era a cidade do Rio de Janeiro.

Andrade como um dos principais valores culturais no Brasil, e no ano de 1960 foi dado o seu nome à Biblioteca Municipal de São Paulo.

Seu legado foi marcado por uma obra volumosa e repleta de riquezas, tornando-se um capítulo à parte em sua produção literária sem fronteiras, e mantida, ininterruptamente pelos colegas: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Fernando Sabino, Augusto Meyer e outros. Suas cartas conservaram a mesma prosa saborosa de suas criações com palavras — um lirismo que como ele disse, "nascido no subconsciente, acrisolado num pensamento claro ou confuso, cria frases que são versos inteiros, sem prejuízo de medir tantas sílabas, com acentuação determinada".

### **A Missão de Pesquisas Folclóricas**

Em 1938, Mário de Andrade decidiu formar um grupo de pesquisa, para viajar pelo Brasil a procura de registros das manifestações folclóricas brasileiras, antes que elas desaparecessem, focando principalmente na dança e canto. Estuda profundamente tudo sobre a poética popular, avaliando todas as melodias oferecidas por seus amigos e alunos. Faz uma procura de exemplos de como se deve desenvolver uma metodologia de pesquisa de campo para realizar o seu trabalho. Começa a escrever para seus amigos do Norte e Nordeste, a fim de obter informações sobre tudo que fosse relacionado às manifestações musicais de cada região, para formar as bases de pousada para iniciar a trabalhar.

Resolve criar juntamente com o escritor e arqueólogo Paulo Duarte, um Departamento de Cultura para a unificação da cidade de São Paulo - Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo, onde se tornou diretor.

Seu objetivo declarado, conforme a ata da sua fundação, foi “conquistar e divulgar para todo o país a cultura brasileira”. O Departamento de cultura recém-criado foi idealizado com a finalidade, de fazer uma investigação demográfica e cultural, realizando a construção de parques e recreações e publicações importantes culturais.

O projeto da expedição foi implementado pelo próprio Mário de Andrade, devido o mesmo ser o primeiro diretor do Departamento de Cultura de São Paulo (1934-1937), hoje é a atual Secretaria Municipal de Cultura.

Com as ideias formadas de suas viagens, vai primeiro ao Rio Grande do Norte, em Natal e nos locais vizinhos, em seguida viaja para a Paraíba, e aproveita para acompanhar o

carnaval em Recife. Volta carregado de melodias com a intenção de publicar sobre o modo de cantar nordestino e potiguar.

Passou sete anos dedicando-se à pesquisa de todo o material trazido de suas viagens, passa então a ter conhecimento dos cantos populares do Brasil, e reforça sua crença na necessidade de registrar - gravando, filmando e fotografando.

A ideia inicial era formar um acervo de livros, discos, e partituras, em seguida, pensar em gravar todas as músicas praticadas em todas as cidades aos arredores, gravando em estúdio as obras; e no setor de pesquisas, aumentar a possibilidade de trabalhos futuros, criando um Laboratório da Palavra.

Mário de Andrade sugere que as músicas que nosso povo cantava e dançava fosse considerada um bem precioso da cultura intangível. Tinha em mente, planejado, de além da gravação e da filmagem, fazer um registro em livros de tombo. Idealizou que a cada cinco anos as mesmas regiões fossem mapeadas, para que no futuro fosse feito um comparativo das mudanças nos cantos dos povos brasileiros. Seguiu o trabalho que estava sendo realizado no Departamento de Cultura, e sugeriu a compra de equipamentos para várias seções e funções, ponderando com as Discotecas e Filmotecas:

[...] A parte que inicialmente tem de ser adquirida e é de necessidade imediata, é o aparelhamento de filmes sonoros, fonografia e fotografia. Mesmo o aparelhamento fotográfico pode ser deixado para mais tarde, embora isto não seja aconselhável. A fonografia como a filmagem sonora fazem parte absoluta do tombamento, pois que são elementos recolhedores. Da mesma forma com que a inscrição num dos livros de tombamento de tal escultura, de tal quadro histórico, dum Debret como dum sambaqui, impede a destruição ou dispersão deles, a fonografia gravando uma canção popular cientificamente ou o filme sonoro gravando tal versão baiana do Bumba-meu-boi, impedem a perda destas criações, que o progresso, o rádio, o cinema - estão matando com violenta rapidez. (Cartas de trabalho, Brasília, MEC, 1981, p. 53).

Em 1938, reuniu uma equipe composta por: Antônio Ladeira - assistente técnico de gravação do Departamento de Cultura e auxiliar geral da missão; Martin Braunwieser - músico e maestro austríaco membro do Coral Paulistano; Benedito Pacheco - técnico de som, e Luiz Saia - arquiteto e membro da Sociedade de Etnografia e Folclore e chefe da expedição.

Todos os integrantes foram munidos de uma infinidade dos melhores equipamentos de tecnologia da época, como por exemplo: uma máquina americana - Presto Recorder - que gravava em discos de acetato, uma câmera fotográfica Rolleyflex, uma filmadora

Kodak de 16 mm e muitos outros acessórios, lentes, filmes, filtros e microfones. Seguiram viagem, em um navio saindo do Porto de Santos em fevereiro de 1938.

O roteiro de viagem que o grupo de pesquisadores realizou, inicia-se em fevereiro, quando o grupo desembarca em Pernambuco, logo após as escalas feitas nas capitais Rio de Janeiro, Vitória, Salvador e Maceió; lá e são recebidos pelo poeta, Ascenso Ferreira, e pelo musicólogo, Valdemar de Oliveira, onde ficaram até março.

Na capital - Recife, juntos trabalham nos municípios de Rio Branco, Tacaratu, Folha Branca e Brejo dos Padres, onde colheram os sons dos cantos: aboios, acalantos, cantos de carregadores de piano, cantos com viola, cocos, xangô, tore, bumba-meu-boi e cabocolinhos. Fizeram um único filme em Pernambuco mostrando o Carnaval e o frevo do Recife.

Em maio, na Paraíba foi onde a equipe das Missões, esteve por mais tempo pesquisando, com duas incursões ao interior. Foram para João Pessoa e também visitaram os seus arredores, como o bairro Alagoa Nova, Rogers, Curema, Torrelândia e Itabaiana, seguem em seguida para Pombal, Patos, Campina Grande, Sousa, Cajazeiras, Alagoa Grande, Mamanguape, Baía da Traição e Areia, onde trazem as cantigas de roda, cantos de pedintes, aboios, cantos com viola, cocos, bumba-meu-boi, reis de congo, chegada de marujos, praia e reisado. Fizeram em Itabaiana e João Pessoa, todas as cenas filmadas na capital e no interior do Estado mostrando danças de cabocolinho; os vaqueiros na pega de bois, em Patos, na Fazenda São José; o coco, de João Pessoa e Itabaiana; o bumba-meu-boi, de Souza e de Patos; otoré e o praiá, dos índios Pancararu, de Tacaratu; a nau catarineta, de João Pessoa, e o Pombal, do rei de congo.

Entre o mês de maio e junho, o grupo fez uma extensa travessia por terra até o Maranhão, passando pelo Ceará e Piauí, embora tenham tido um atraso no trajeto, devido um problema no caminhão. Ainda no mês de junho, continuam as pesquisas em São Luís, onde fizeram o registro de tambor de crioula, boi-bumbá, carimbó e tambor de mina. Logo que saíram do Maranhão, a equipe seguiu para Belém, permanecendo até julho, gravando acalantos, babaçuê, pajelança e boi-bumbá, onde as filmagens contemplam o babaçuê do Terreiro de Sátiro Ferreira de Barros.

Conseguiram construir um material muito rico, que se tornou um verdadeiro mapa cultural do Nordeste: Cantigas de Roda, Cantos Religiosos, Barca, Catimbó, Bumba-meu-boi, Maracatu, Nau Catarineta, Cabocolinhos, Tambor-de-Criola, Tambor-de-Mina, Praiá,

Aboios, Cocos, Sessões de Desafio, Xangôs, de Ninar, Cantos de Trabalho, Cateretê, entre outros.

Fizeram um registro detalhado da confecção de utensílios artesanais e da poética popular, além de danças e cantos diversos. Todos os registros da pesquisa seriam destinados para a Discoteca Pública, que foi criado pelo Mário de Andrade, inspirado no modelo italiano e que pertencia a uma divisão do Departamento de Cultura. O material compõe o acervo da Discoteca Oneyda Alvarenga, que foi a responsável pela metodologia de trabalho da equipe, organizando os textos, transcrevendo todo material da expedição, resultando em 6.304 páginas datilografadas, e 1.299 fonogramas originais de música popular, que hoje pertence ao Centro Cultural de São Paulo desde 1993.

Mário de Andrade continuava sendo o mesmo obstinado de sempre, por este motivo, resolveu ampliar o seu trabalho sobre o folclore popular e música, ao mesmo tempo, que organizava exposições e conferências.

Todo o trabalho das missões somou um amplo acervo registrado em imagens, vídeo, áudio e anotações musicais, referente aos lugares que percorreram durante as viagens feitas pela equipe.

Este projeto foi conhecido como pioneiro em multimídia da cultura brasileira. A divisão de todo o material foi realizado conforme o caráter funcional das formas de expressões culturais: cantar, rezar, trabalhar e músicas de dançar. Todo o acervo resultou em uma das maiores e melhor coleção fonográfica cultural, formando uma Discoteca Municipal.

Em um momento histórico do Departamento de Cultura, Mário de Andrade, faz amizade com uma etnóloga, Dina Dreyfus, que estava acompanhando o marido, Claude Lévi-Strauss, membro do grupo de professores da Universidade de São Paulo, realizando pesquisas. Dina Dreyfus foi uma colaboradora da Discoteca, ministrando curso de Etnografia e Folclóre, para formação de pesquisadores, orientando alunos como aprender a fazer o trabalho de campo, que em primeiro plano estaria sendo pautado apenas em recolher objetos.

Foi Dreyfus que proporcionou toda a bibliografia que Mário de Andrade teve contato, por ser uma especialista em documentação musical em campo. É provável que Dina Dreyfus, tenha conhecido o autor de “Esquisse d’une méthode de folklore musical”, de Constantin Brailoiu -musicólogo romeno que trabalhou no Museu do Homem, ao lado de seus professores, e esta pode ter sido a fonte da metodologia adotada pelas Pesquisas

Folclóricas, da equipe que o Departamento de Cultura enviou para o Norte e Nordeste. A justificativa do motivo que levou a escolher estas duas regiões para o início deste trabalho, seria por ser a mais rica em música popular.

A missão foi interrompida, apesar do ritmo intenso em que caminhavam as pesquisas em São Paulo, pois logo após ter sido instaurado o Estado Novo por Getúlio Vargas (que era contra o pensamento do projeto) e com a mudança do prefeito paulista Fábio Prado por Prestes Maia, ordenou-se o cancelamento da missão. Diante de todas as dificuldades, Mário de Andrade, coloca seu cargo de Diretor do Departamento de Cultura, à disposição, causando a diminuição e simplificação do projeto.

Outro aspecto a se lembrar de seu caráter sempre guardião da cultura nacional, mostra-se quando Mário de Andrade em conjunto com o advogado Rodrigo de Melo Franco, mostra-se como um dos mentores e fundadores do SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

### **Considerações finais**

Em quase seis meses de viagem, os pesquisadores obtiveram um acervo de 1.126 fotografias, 1.500 melodias gravadas e 17.936 documentos textuais (cadernos de desenhos, cadernetas de anotações, notas de pesquisas, anotações musicais, letras de músicas, versos da poética popular e dados sobre arquitetura), 19 filmes de 16 e 35 mm, e outras mil peças elencadas entre instrumentos de corda, sopro, percussão e objetos etnográficos; conseguindo construir um material muito rico, que se tornou um verdadeiro mapa cultural do nordeste.

Para a produção de imagem, sob a responsabilidade técnica de Luiz Saia, segue abaixo a lista do material de captação de imagens levado pelo grupo:

Para a captação de imagens foram embalados: câmara Rolleyflex com estojo; um dispositivo Rolleickin; dois filtros amarelos, uma cabeça panorâmica; dois jogos de lentes Proxare; uma lente herotar; um aparelho cinematográfico Kodak 35 mm; uma lente grande-angular para cine (equipamento emprestado); um filtro para cine; telefoto de 6"; fotômetro Bewi-elétrico; telefoto de 3"; 108 filmes 6x9; 15 filmes cinematográficos, 10 filmes Leica-Contax, 6 carretéis para filmes cinematográficos. Pensando nas anotações de campo, eles empacotaram 122 blocos de diversos tipos e o material sobressalente constava de: um analisador; esquema do gravador e do motor, 17 safiras, 6 pacotes e meio de agulhas, dois carvões para motor; rosca; uma lente X 15 e um encerado. (TONI, 2006, p. 29)

O resultado fílmico destas captações em termos de linguagem cinematográfica, não têm muito a acrescentar no quesito inovação. O ineditismo se dá por conta do conteúdo singular, inédito e raro do material. São filmes curtos, captados quase sempre com planos em sequencia, com poucos cortes secos entre seus em planos de conjunto, alguns mais abertos e alguns poucos planos de detalhe. Os destaques se davam em detalhes quando era importante registrar alguns passos de uma dança específica, ou ainda num determinado toque de instrumento.

A captação foi feita sem som na película, porém paralelamente, as gravações sonoras foram feitas diretamente em discos de acetato com base em alumínio - que era o recurso disponível para a equipe na época.

Oneyda Alvarenga - chefe da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, foi quem cuidou da organização e preservação dos materiais recolhidos na Missão. Curiosamente, os filmes - foram os que mais resistiram aos efeitos do tempo.

Os registros cinematográficos foram captados por Luiz Saia em 1938 e recuperados por Carlos Augusto Calil em 1977, para a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e hoje pertencem ao Arquivo Histórico da Discoteca Oneyda Alvarenga do Centro Cultural de São Paulo.

Existem alguns poucos documentos especificamente sobre o folclore brasileiro, feitos por iniciativa do próprio Mário de Andrade anteriores ao projeto das Missões, mas este conjunto de filmes do projeto constituem o primeiro documento multimídico de grande porte da cultura popular brasileira.

### **Referências bibliográficas**

AMARAL, Aracy (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. EDUSP, São Paulo: 2003.

ANDRADE, Mário. *O Turista Aprendiz*. Ed. Livraria Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. São Paulo: 1976.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura* / Walter Benjamin; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1994. (Obras escolhidas v.1).

SENNA, Homero. **República das Letras**, Ed. Olímpica. Rio de Janeiro: 1996, 3ª Edição.

TONI, Flávia Camargo. **Missão: as pesquisas folclóricas**. In: *Missão de Pesquisas Folclóricas*. Ed. SESC. SP: 2006, 1a.ed.

CERQUEIRA, Vera Lucia Cardim. **Missão de Pesquisas Folclóricas** - Cadernetas de Campo. DVD - ROM, 2004. Centro Cultural de São Paulo.